

RESENHAS

SUASSUNA, Livia. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*, São Paulo, Papyrus, 1995, 242 p.

A obra de Livia Suassuna, aqui resenhada, soma-se a outras que refletem sobre a importância de se viabilizar novos métodos de ensino de língua materna. De fato, essa temática já percorreu outras eras e outras terras. Lembremos, por exemplo, as observações de alguns pesquisadores:

"No caso do Brasil, a gramática pedagógica é fiel à nossa realidade lingüística? Não. É preciso reconhecer que nossas gramáticas não descrevem adequadamente o português culto."

(Castilho, 1982, p. 87)

"O objectivo [da aula de língua] é levar o aluno a usar melhor a sua língua - usar melhor não apenas como aperfeiçoamento de tipo estrutural, de correcção de estruturas e aquisição de estruturas novas, mas também e sobretudo como obtenção de plenitude na realização da adequação do acto verbal à situação de comunicação."

(Fonseca, Fonseca, 1977, p. 99)

Assim, é importante que uma obra atual acrescente reflexões a tema cujas reformulações tornam-se cada vez mais iminentes: o ensino de língua materna.

A obra de Suassuna é fruto da dissertação de mestrado na PUC de São Paulo e consta de quatro capítulos: no primeiro, apontam-se críticas ao ensino tradicional de língua portuguesa; o segundo capítulo analisa algumas teorias lingüísticas que permitem revigorar o ensino de língua; no terceiro, a autora esclarece as concepções teóricas nas quais se baseia sua prática de ensino e, no último, encontra-se o resultado de uma nova metodologia de ensino posta em prática.

Para localizar as origens do problema, a autora analisa os estudos sobre a linguagem desde a Grécia Clássica, com Aristóteles. Depois,

percorre diacronicamente várias concepções da Lingüística, descobrindo, por exemplo, que, já no século XIX, elege-se o texto literário como modelar.

As primeiras gramáticas da língua portuguesa, datadas do século XVI, adotam como paradigma a gramática latina e já têm como preocupação central a categorização gramatical. Ao analisar várias gramáticas, antigas e atuais, Suassuna detecta que "praticamente, as orientações para a expressão escrita se resumem numa só: imitar os clássicos" (Suassuna, 1995, p.27). Eis, portanto, que esbarra-se no primeiro entrave ao ensino de língua materna: a opção por um modelo único de texto faz com que as tipologias textuais, marginalizadas, não sejam sequer consideradas pela escola. O ensino do português objetiva substituir uma fala descontraída, tida como errada, por outra considerada mais elegante, próxima dos clássicos. Esse critério pedagógico pode ser apontado como pouco democrático e, claramente, não-representativo da prática lingüística da comunidade. A centralização das análises na norma padrão também faz com que as demais variantes emudeçam, como se a comunidade lingüística fosse homogênea. A autora lembra que a proposta do Ministério da Educação e Cultura (MEC) corroborava essa orientação, recomendando o uso de textos dos autores consagrados em Portugal e no Brasil.

Convém destacar que, ao analisar o método de ensino da língua materna, a autora não ignora nenhuma de suas possibilidades, perscrutando o ensino da gramática, da redação, da leitura (produção e recepção de textos), ortografia e vocabulário. Esse encaminhamento já permite uma previsão sobre o método a ser adotado: um ensino que aborde tais questões de forma integrada, sem dissociar a gramática da prática redacional, pois "falar é compreender o mecanismo das convenções sociais (e não só ortográficas)" (Suassuna, 1995, p.102).

Nas aulas de redação, o problema poderia ser resumido pelo fato de a produção do aluno ser artificial: ele escreve para o professor, preocupado unicamente em obter uma boa nota. Nesse contexto, não há a prática social inerente aos atos de comunicação, gerando um discurso vazio em que o aluno escreve aquilo que ele julga que possa agradar o professor. Na avaliação, costuma-se concentrar a atenção nos desvios à ortografia em detrimento do conteúdo do texto.

Na recepção de texto, também há falhas, pois a escola costuma trabalhar a interpretação por meio de questões óbvias em que o aluno deve se colocar como mero reproduzidor das idéias explicitadas no texto, e não como produtor do texto lido. Novamente travam-se os sentidos, cala-se a polissemia textual. Naturalmente, a mudança aqui exigida requer uma nova postura do professor como leitor, ou seja, ele deve ser capaz de "estabelecer relações entre diferentes textos, comparar as várias leituras de um mesmo texto, colocar desafios à compreensibilidade dos alunos, levar o aluno a ter familiaridade com um repertório não só grande, mas sobretudo diversificado de textos" (Suassuna, 1995, p.51).

Após percorrer o método de ensino tradicional, Suassuna elenca várias correntes da Lingüística e verifica em que elas podem contribuir para o necessário saneamento no ensino de língua materna. Constatase que a Lingüística está repensando seus métodos, seu objeto, sua terminologia, enfim, sua cientificidade. Tudo leva a crer que as análises devem exceder o nível da frase, levando em conta fatores como o texto, o contexto e até as intenções dos falantes naquela escolha verbal, conforme alguns teóricos já anunciaram.

"O desenvolvimento da lingüística e da análise do discurso na década de 70 mostrou, de fato, que um enfoque da língua 'livre de contexto', por exemplo, na construção de gramáticas formais é, na melhor das hipóteses, unilateral e, com certeza, empiricamente inadequado."

(Van Dijk, 1992, p.125)

Uma abordagem pragmática, portanto, como a abraçada pela autora, parece a mais adequada a um ensino e aprendizado bem-sucedidos. Percebe-se aqui a importância de o professor aprofundar seus estudos, pois apenas o conhecimento seguro das teorias poderá garantir a escolha de métodos mais eficazes, e a ausência desse conhecimento fatalmente conduz o professor à mera reprodução dos métodos tradicionais, às vezes até ignorando as falhas destes, o que gera um ensino dogmático da gramática.

De modo resumido, consideram-se como falhas da gramática a terminologia excessiva, as abordagens em frases descontextualizadas, as definições tautológicas, a criação e manutenção de preconceitos

lingüísticos, exemplificações forçadas etc. Vários estudiosos já apontaram esses problemas, por exemplo:

"A gramática tradicional peca por oferecer categorias mal motivadas e incoerentes; as teorias mais modernas não têm abrangência suficiente, tendo-se ocupado tradicionalmente com estudos em profundidade. Ou seja, a taxionomia tradicional é inadequada, e as taxionomias modernas são, na melhor das hipóteses, parciais."

(Perini, 1994, p.15)

Tudo isso faz com que o aprendizado da língua seja superficial, pois considera-se mais importante saber falar sobre a língua do que saber lidar com ela, entendendo os textos e produzindo-os de forma eficaz. Assim, o que se propõe é que o ensino do português possibilite compreender o mundo e a si mesmo, levando o aprendiz a perceber as possibilidades transformadoras decorrentes da prática lingüística.

Particularmente interessante é o último capítulo do livro, no qual a autora narra o trabalho realizado com novo programa de ensino de língua materna. A experiência foi realizada na Escola Parque do Recife, com alunos de classe média e média-alta da rede privada de ensino. A opção da autora, por tudo o que já foi falado anteriormente, foi trabalhar com a variedade lingüística, objetivando criar "políglotas dentro de sua própria língua" (Bechara, 1985, p.14), ou seja, fazer com que os alunos dominassem as várias modalidades lingüísticas, nos níveis oral e escrito, e percebessem a intenção que norteia os vários atos comunicacionais. Claro que, nesse processo de democratização das variantes lingüísticas, a norma padrão não pode ser excluída, pois é papel da escola ensiná-la, já que o conhecimento dela permite apreender valores culturais por ela veiculados. É possível, porém, ensiná-la sem desconsiderar os outros registros, fazendo com que o aluno reconheça a língua que aprende na escola nas situações lingüísticas cotidianas e avalie-a em termos pragmáticos.

Há alguns aspectos bastante inovadores, por exemplo, em relação à leitura paradidática e ao critério de avaliação. Na leitura, o aluno dispunha de textos bastante diversificados como romance, crônica, conto, poesia, biografia, revistas, jornais, gibis, enciclopédias, folhetos de cordel, anúncios publicitários, panfletos, textos produzidos pelos cole-

gas etc. A partir dessa gama de possibilidades, o aluno escolhia o que queria ler e, em data previamente marcada, contava oralmente para a classe o que havia lido. Quanto à avaliação, ela consistia na prova escrita, entrevista oral, auto-avaliação, fichamento do material da unidade, trabalho extraclasse.

Em relação à correção de redações, a autora adotou o critério de assinalar os erros do aluno, sem, no entanto, descontar nota por desvios ortográficos. Além disso, trechos que requeriam reelaboração eram apontados ao aluno, que deveria refazê-los, e, eventualmente, todos opinavam sobre a correção de um texto registrado na lousa. Esse encaminhamento tem a vantagem de clarear o critério de correção, possibilitando que o aluno entenda como aprimorar sua produção textual.

O livro registra exercícios interessantes como debates, entrevistas, que, embora não devam servir como camisa-de-força ao professor que procura novas técnicas, podem aguçar a criatividade para outras propostas. Há, ainda, a transcrição de algumas redações dos alunos que vale a pena ler, pois a maneira como eles se expõem nelas é a prova cabal de que a proposta da autora obteve êxito.

Suassuna gratifica o leitor, ainda, com tons poéticos por meio dos quais vai tecendo os vários capítulos da obra, com redação primorosa. Este, talvez, o maior mérito da obra: o engajamento explícito da autora, a crença transparente de que é possível mudar, aliada à fé de que é factível "uma ação alternativa, transformadora, mesmo dentro de um cenário escolar conservador" (Suassuna, 1995, p.225-226).

A valorização deste trabalho de Suassuna advém sobretudo da coragem de tocar nas mazelas do ensino de língua materna e buscar tratamento adequado ao mal. Outros autores já fizeram isso, sem dúvida. Assim como algumas mudanças já ocorreram, mas ainda são muito esparsas. Mister que o tema seja exaurido, como nesta obra, para que essas vozes que invocam a mudança deixem de ecoar sozinhas, como subversivas. Sob a afirmação de que a língua portuguesa morrerá se a escola não forçar a norma padrão como a única correta esconde-se, muitas vezes, o fascismo lingüístico, totalmente incompatível com os anseios democráticos da sociedade contemporânea. Parece, enfim, que não é mais possível divulgar a inépcia do aluno na produção e recepção

de texto sem considerar uma parcela de responsabilidade nos métodos empregados no ensino de língua. Parece inelutável que a abordagem precisa ser alterada e que o empreendimento necessário para essa mudança, embora hercúleo, é possível de ser alcançado, como o provou Livia Suassuna.

Maria Helena da Nobrega
Professora de Filologia e Língua Portuguesa
DLCV-FFLCH/USP